

Todas as Coisas Voam

Hélio Pellegrino (1987)

A decisão de organizar um livro sobre a obra de Amilcar de Castro é própria – e perfeita. Num país como o nosso, de improvisadores e badaladores, onde a pesquisa séria cede lugar à ligeireza e, esta, aos arruídos do êxito leviano, é ótimo e consolador ver-se um artista como Amilcar de Castro cercado de reverência – e de respeito. Ele fez por merecê-los, pela vida afora, no silêncio, na concentração e na modéstia, e se sua obra avulta, de maneira decisiva, no cenário da escultura brasileira, é porque a luz que dela se ergue tem uma intensidade que a faz visível – e notável – acima de contingência e modismos.

Conheço Amilcar de Castro desde sempre. Ele é para mim, bem de raiz, compadre – e companheiro. Nossa aventura humana se cruzou – e se teceu em comum – nos anos tumultuados e inquietos da mocidade. Vejo-o vigoroso e retaco, subindo as ladeiras de Belo Horizonte, indo e vindo, procurando e perguntando, achando – e perdendo. Por detrás de uma aparente dispersão boêmia, Amilcar construía o seu caminho, na arte, na filosofia – e na vida. Eis, a meu ver, a marca que o assinala: ele buscou sempre a verdade, num esforço de clarificação existencial que transcende a especialização, artística ou de outra espécie.

Isso não significa que Amilcar de Castro seja dispersivo – ou diletante. Ele é das mais poderosas cabeças que conheço. Sua capacidade de perguntar, sobre a vida e sobre as coisas, vai longe – e fundo. Lembro-me, inclusive, das perguntas que fazia sobre o ato de perguntar, forrado em Heidegger, Husserl e outros filósofos menos votados. Em verdade, Amilcar de Castro, na medida do seu talento, traça uma estratégia de conhecimento que implica um leque diferenciado de possibilidades táticas: artísticas, estéticas, filosóficas, políticas. Seu alvo, entretanto, continua o mesmo, apesar das diferentes ferramentas que é capaz de usar. Lendo filosofia, aprofunda a sua experiência de escultor, e vice-versa. Ao incendiar de vigor as chapas e blocos de ferro com que trabalha, atinge, ao mesmo tempo, resultado plástico, poético – e filosófico. O que Amilcar procura é a verdade que pulsa no coração do mundo. Ele é o contrário do carreirista, do arrivista, do criador que se embriaga de mundana agitação – e se perde.

Desde a primeira maturidade, o escultor mineiro soube que o centro do conhecimento é o logos poético, a partir de cuja luz a realidade concede desvendar-se, com suas sombras e mistérios. A ciência, nesse sentido, é um capítulo – não privilegiado – da poesia. Ela chega, sem dúvida, à verdade, embora costume extraviar-se nos descaminhos da objetividade positivista, que desfigura – e empobrece – a inesgotabilidade do real. A poesia é a forma superior de conhecimento: quanto mais poético, mais verdadeiro, segundo o célebre aforismo de Novalis. Em sua raiz, todo ato autêntico de conhecimento é ato poético, capaz de produzir uma zona de transparência onde o ser, clareado pela luminosidade do logos, ganha sentido sem trair o inefável que o povoa.

Me lembro muito bem: nas conversas que tínhamos, sobre temas e problemas deste e doutro mundo, Amilcar perseguia a intuição de que há estofos, um substrato que é comum a todas as coisas, a marca de um fundamento originário que é a fonte da inumerável multiplicidade de todos os entes. No coração da matéria há um grito – e a fulguração de um relâmpago. Isto significa que, anteriormente a tudo, existe um centro de energia infinita – Deus? –, a partir de cuja potência as coisas decorrem, assinaladas pela força desse fogo antecedente.

Sobre isso conversávamos, no frio das madrugadas de Belo Horizonte, encharcados de cerveja – e de poesia. Amilcar de Castro, fiel às suas intuições inaugurais, procurava um caminho pelo qual pudesse ter acesso a esse plasma seminal e primígeno, que atravessa todos os entes e lhes confere a dignidade – e a beleza – que possuem. Por essa via, chegou a Husserl e à fenomenologia. Pelo conhecimento das essências, queria atingir a essência que é comum a tudo o que existe. Ele pretendia aportar a um conhecimento da origem, do fundamento do mundo, que está presente na diversidade inesgotável dos seres que o povoam.

E me dizia: se conseguir fazer a descrição fenomenológica de um bloco de granito, desbastando-o, através da cogitação transcendental, daquilo que lhe é acessório, alcançarei o conhecimento de uma luz que, por sua proveniência, é aparentada com a essência de todo o Universo. Costuma-se dizer que o homem é o resumo de tudo. Em verdade, tudo é o resumo de tudo. Há um intercâmbio, uma comutatividade, uma origem comum que funda o parentesco de tudo – com tudo.

Esses papos filosóficos de mocidade, tumultuados e heterodoxos, permeiam até hoje o entendimento que tenho da escultura de Amilcar de Castro. Aí, na chapa de ferro quebrada e rebatida, ou no bloco de ferro vazado, há uma tensão e um vigor que falam desse ponto de fogo em que o espírito e a matéria se encontram, irmanados e conjugados, numa anterioridade que precede à dicotomia entre homem e natureza, ou entre o simbólico e o real.

Tenho, em meu consultório, uma escultura de Amilcar de Castro. Trata-se de obra belíssima: uma peça circular, de ferro, de uns dois centímetros de espessura, é cortada e angulada, de modo a erguer-se no espaço, como se estivesse convocada ao vôo. A peça é prenhe de materialidade e concretude. Ela está presa ao seu chão, lealmente terrestre, mas disciplinada por uma ascese formal que, ao mesmo tempo, revela o seu peso e a transforma em asa. Peso e asa. As coisas todas têm a vocação do vôo, ou melhor: o vôo é a essência de todas as coisas. É esta a lição que me transmite a escultura de Amilcar de Castro. Ela é feita de ferro e, sem trair a sua opaca densidade mineral, que resiste ao trabalho humano que a fabricou, traz consigo um empuxo que a torna fremente como um pássaro. Todos os seres passarão. Menos o coração de pássaro que pulsa, no cerne dos seres que passarão.

Eis que poetizo – ou filosofo. Voltamos aos velhos temas de antanho, em plena praça da Liberdade, quando o orvalho da antemã porejava no bronze da testa do imperador Pedro II, surdo aos nossos prélios – e leitos. Amilcar de Castro é, para mim, um escultor-filósofo. O rigor geométrico do seu trabalho nada tem a ver com qualquer

tipo de formalismo estetizante. Ele é esforço de ascese, fruto de uma epoché fenomenológica a partir da qual a essência da matéria advém, como vôo. A forma, na escultura de Amílcar, é berço – ou concha – de energia cósmica. Ela permite intuir que a última verdade da matéria é vitória sobre o inanimado – gesto que se levanta.

Morte, tua vitória onde está? Eis a derradeira, a radical pergunta que se desprende da obra de Amílcar de Castro, como uma pomba que perfurasse a vertigem do azul. Sua escultura testemunha o triunfo da vida sobre a morte e, portanto, constitui um monumento à esperança. Ela fala da salvação pela beleza, apetite de ressurreição, grande insônia – como o verso imortal de Murilo Mendes.